

## As fórmulas filosóficas



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor  
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade  
TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente  
MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO  
MAÍRA ROCHA MACHADO – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA  
OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA  
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI



**Universidade de Brasília**

Reitora  
MÁRCIA ABRAHÃO MOURA

Vice-Reitor  
ENRIQUE HUELVA

EDITORA



**UnB**

Diretora  
GERMANA HENRIQUES PEREIRA

Conselho editorial

GERMANA HENRIQUES PEREIRA – FERNANDO CÉSAR LIMA LEITE  
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE  
CARLOS JOSÉ SOUZA DE ALVARENGA – ESTEVÃO CHAVES DE REZENDE MARTINS  
FLÁVIA MILLENA BIROLI TOKARSKI – IZABELA COSTA BROCHADO  
JORGE MADEIRA NOGUEIRA – MARIA LIDIA BUENO FERNANDES  
RAFAEL SANZIO ARAÚJO DOS ANJOS – VERÔNICA MOREIRA AMADO

Frédéric Cossutta  
Francine Cicurel  
Organizadores

AS FÓRMULAS FILOSÓFICAS  
Destacamento, circulação e apropriação

TRADUÇÃO  
Sírio Possenti

EDITORIA  
UNICAMP

EDITORA  
  
UnB

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

F767 As fórmulas filosóficas: destaqueamento, circulação e apropriação / organizadores: Frédéric Cossutta, Francine Cicurel; tradução: Sírio Possenti. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2018.

Tradução de: Les formules philosophiques: détachement, circulation, recontextualisation.

1. Filosofia – Terminologia. 2. Filosofia – Linguagem. 3. Filosofia – Citações, máximas etc. 4. Análise do discurso. I. Cossutta, Frédéric. II. Cicurel, Francine. III. Possenti, Sírio. IV. Título.

CDD - 101.4

- 121.68

ISBN 978-85-268-1454-7 (Editora da Unicamp)

- 107

ISBN 978-85-230-1292-2 (Editora Universidade de Brasília)

- 401,41

---

Título original: *Les formules philosophiques: Détachement, circulation, recontextualisation*

Copyright © 2014 by Éditions Lambert-Lucas

Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

by Editora Universidade de Brasília

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br

vendas@editora.unicamp.br

Editora Universidade de Brasília

SCS – quadra 2 – bloco C – nº 78,

edifício OK – 2º andar

CEP 70302-907 – Brasília – DF

Tel.: (61) 3035-4200

www.editora.unb.br – contatoeditora@unb.br

Membro do GradPhi (Grupo de pesquisa sobre análise do discurso filosófico) desde sua fundação há 20 anos, Magid Ali Bouacha tinha proposto incluir o tema dos enunciados destacados no programa de trabalho do grupo. Era uma ocasião, para ele, de ampliar sua teoria da generalização no discurso, estendendo-a às fórmulas filosóficas. Desde seu desaparecimento prematuro em 2002, seu espírito marcado por tanta criatividade, rigor e generosidade nunca nos abandonou durante a continuação do que começamos com ele.



# SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO   |    |
| <i>Sírio Possenti</i> .....                                      | 9  |
| PREÂMBULO – ENUNCIADOS DESTACADOS E<br>FÓRMULAS FILOSÓFICAS..... | 11 |

## Primeira Parte

### DAS FÓRMULAS À ESCRITA FORMULAICA

|   |    |
|---|----|
| 1 – FÓRMULAS FILOSÓFICAS E ESCRITA FORMULAICA   |    |
| <i>Alain Lhomme</i> .....                       | 31 |
| 2 – FIGURAS DO DESTACAMENTO                     |    |
| <i>Jean-François Bordron</i> .....              | 71 |
| 3 – O PAPEL DAS FÓRMULAS NO DISCURSO FILOSÓFICO |    |
| <i>Frédéric Cossutta</i> .....                  | 95 |

## Segunda Parte

### TRANSMISSÃO E REINSCRIÇÃO DAS FÓRMULAS FILOSÓFICAS EM RETOMADAS, COMENTÁRIOS, POLÊMICAS

|  |     |
|--|-----|
| 4 – PALAVRAS DE ORDEM, SENHAS EM FILOSOFIA:<br>OS ENUNCIADOS FORMULAICOS |     |
| <i>Francine Cicurel</i> .....  | 149 |

|   |     |
|---|-----|
| 5 – FÓRMULAS, SENTENÇAS, MÁXIMAS. A GLOSA EM<br>FILOSOFIA: O EXEMPLO DE MERLEAU-PONTY<br><i>Malika Temmar</i> ..... | 177 |
| 6 – ENTRE FOUCAULT E DERRIDA: O DESTINO DE<br>UM ENUNCIADO CARTESIANO<br><i>Khodayar Fotouhi</i> .....              | 191 |

### Terceira Parte

#### TRANSMISSÃO E REINSCRIÇÃO DAS FÓRMULAS FILOSÓFICAS EM TEXTOS SEGUNDOS: MANUAIS E DICIONÁRIOS

|  |     |
|--|-----|
| 7 – FÓRMULAS AFORÍSTICAS (NO <i>DICIONÁRIO<br/>FILOSÓFICO</i> DE COMTE-SPONVILLE) A SERVIÇO DO<br>SUJEITO FILOSOFANTE. COENUNCIÇÃO,<br>SOBRE-ENUNCIÇÃO, SUBENUNCIÇÃO<br><i>Alain Rabatel</i> ..... | 221 |
| 8 – A FÓRMULA FILOSÓFICA E SEUS COMENTÁRIOS<br><i>Dominique Maingueneau</i> .....  | 271 |

## APRESENTAÇÃO

“Uma obra filosófica é, ao mesmo tempo, textos indissociáveis de práticas historicamente situadas, de gêneros que especificam os papéis de seus enunciadores e de seus destinatários, e aforizações desenraizadas enunciadas para um auditório universal. O mestre é, ao mesmo tempo, aquele que sabe produzir algumas delas e construir novas interpretações para aquelas que herdou, e, às vezes, é também o que inventa uma forma singular de lê-las.”

Essa afirmação está no final do último texto deste livro. São palavras de Maingueneau, um analista de discurso entre filósofos dedicados exatamente a tratar a filosofia como discurso. Sua conclusão é, talvez, a tese central dos textos que compõem o volume. Escrever e ler filosofia é tanto escrever obras quanto cunhar e comentar fórmulas que, eventualmente, terão fortuna no campo.

Creio que não vale a pena acrescentar a este volume uma sugestão de leitura dos textos. Isso apenas duplicaria o que neles se pode ler, não sem alguma repetição, como se verá, embora nunca nos mesmos termos, o que, por si só, é uma questão... filosófica.

Remeto os leitores interessados ao final do Preâmbulo, onde se encontra uma visão sumária de cada texto, o que pode, inclusive, determinar diversas ordens de leitura dos capítulos, conforme o gosto e as expectativas, sejam as prévias, sejam as criadas pela apresentação.

Acrescento apenas que o livro deveria interessar a filósofos e analistas de discurso, em primeiro lugar, e, em seguida, a todos os que lidam com textos, especialmente se não se deram conta explicitamente de que se pode começar uma aventura de leitor perseguindo frases que ficaram famosas.

Pareceu-me dispensável fornecer, nas referências bibliográficas de cada autor, quando fosse o caso, informação sobre eventual tradução da obra em português. É que qualquer leitor pode hoje consultar a internet e descobrir por sua conta se ela existe. Só dei a informação quando me vali da tradução brasileira de trechos citados, o que está consignado em notas.

Traduzir é trair. E errar.

Na tentativa de evitar os erros, como ocorreu em outras circunstâncias, consultei bastante longamente Rodolfo Ilari, que sugeriu muitas alternativas e corrigiu algumas falhas que me fariam corar. No final, e não digo isto apenas por ser praxe, a versão que vai ser lida é minha e só eu posso ser responsabilizado por ela. Mais pelas traições do que pelos acertos, acrescento, porque os *erros sempre chamam mais atenção do que os acertos*. O que talvez seja uma fórmula.

*Sírio Possenti*

Preâmbulo

ENUNCIADOS DESTACADOS  
E FÓRMULAS FILOSÓFICAS

1. *O papel das fórmulas na elaboração doutrinária e no interdiscurso filosófico*

Contentamo-nos, muito frequentemente, em identificar a filosofia a uma doutrina caracterizada por escolhas teóricas (que se cristalizam nos “ismos”), a uma obra associada a um nome próprio, a monumentos que uma tradição conserva. Mas ela não está também presente e ativa “entre” as obras, nesse tecido interdiscursivo e institucional que liga entre si as doutrinas pelas atividades e pelos textos que se relacionam nesse espaço? Constituição de um arquivo, comentário, transmissão, ensino, transformação das formas de vida se inscrevem em práticas e em instituições que determinam gêneros textuais. Eles são frequentemente considerados menores, mas, mesmo sendo segundos, nem por isso deixam de exercer um papel considerável. Asseguram as condições de uma relativa perenidade da filosofia no mundo ocidental, instalando, ao lado do panteão das “obras”, a história dos usos que as conectam e as “im-

plementam”. Junto com diversos mediadores discursivos, enunciados curtos transitam entre os grandes sistemas. “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, “Conhece-te a ti mesmo”, “A morte não deve ser temida”, “O homem é o lobo do homem”, “Tudo o que é real é racional”, “Os filósofos apenas interpretaram o mundo”,<sup>1</sup> “O existencialismo é um humanismo”, “A existência precede a essência”...

Este livro se propõe a analisar a natureza, a forma e as funções discursivas de tais enunciados destacados que operam como um condensado de sabedoria ou de doutrina, formulando o essencial de uma posição que se torna então identificável e facilmente acessível por meio de uma forma memorável. Antes de serem extraídas e de serem destacadas, essas pequenas frases foram formuladas em um texto-fonte que lhes conferiu uma destacabilidade, depois foram transmitidas e circularam antes de serem recontextualizadas em novos conjuntos teóricos que associam estreitamente textos e práticas.

Escolhemos,<sup>2</sup> para figurar no título desta obra, a expressão *fórmula filosófica* como termo genérico para designar o conjunto dessas fórmulas textuais e discursivas por meio das quais os filósofos condensam seu projeto em um enunciado mínimo, dotado de

---

<sup>1</sup> Pierre Macherey, em seu seminário “La philosophie au sens large”, ocorrido em 2000/2001 na Université de Lille (Savoirs et textes, UMR 8519, texto acessível no *site* <http://univ-lille.fr/set>), estuda certo número de fórmulas de Vico, Goethe, Marx. Há uma retomada parcial desse trabalho, concentrado em Marx, em Macherey, 2008.

<sup>2</sup> Esse “nós” remete ao trabalho sobre o tema realizado pelo Groupe de recherche sur le discours philosophique (Céditec, Paris-Est Créteil Val de Marne). Uma jornada de estudo (“Formules, sentences, maximes: détachement, transmission e recontextualization des énoncés philosophiques”) foi organizada sobre esse tema, na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris III, por Francine Cicurel, quando se fez uma síntese à qual se juntou Alain Rabatel.

propriedades formais que lhe conferem um aspecto notável e lhe dão uma relativa autonomia de sentido. Poder-se-ia crer que elas flutuam livremente no firmamento das ideias, como se um catálogo permitisse reuni-las abstratamente em um filão que as tornaria todas virtualmente disponíveis. A existência de coletâneas que as reúnem reforça essa impressão. No entanto, as fórmulas contribuem para ancorar a dimensão teórica em dinâmicas concretas, que animam as redes de difusão e os circuitos de transmissão e de comunicação dos filósofos.

Esses *enunciados destacados* de seu contexto exercem um papel crucial, contribuindo para desenvolver o interdiscurso que liga as filosofias entre si. Formam redes que estabelecem relações entre as doutrinas ou tecem sua arborescência em genealogias fiadoras da transformação de uma identidade filosófica. Participam da ampliação da filosofia para os não profissionais, pois, de forma assertiva ou prescritiva, convidam o leitor e o discípulo a se transformarem, conformando-se a um ideal de vida filosófica (Cossutta, Delormas & Maingueneau, 2013). Podem reunir-se em gêneros específicos, nas doxografias ou nas coletâneas de citações, bem como em manuais. E ainda testemunham, sofrendo as transformações semânticas e conceituais que lhes acarretam suas configurações em séries sucessivas de universos doutrinários, a vitalidade das formas breves para a elaboração e a transformação permanente do arquivo filosófico.

Contribuem igualmente para a formação do interdiscurso mais global, no qual se entrecruzam discursos religiosos, literários, científicos, jurídico-políticos, ideológicos. Além disso, eles têm também vocação para se libertar de seus lugares de produção e para exercer um papel nas representações coletivas elaboradas pelas diversas culturas. Alimentam, da mesma forma que os provérbios ou os adágios, o reservatório de enunciados generalizantes, citações, estereótipos, lugares-comuns que coloreem os discursos ordinários e

estruturam os universos de crença.<sup>3</sup> Estilizam e condensam uma doutrina particular em uma formulação emblemática e, ao mesmo tempo, lhe conferem um alcance geral, apresentando-se na forma de uma sabedoria partilhada com valor de verdade universal. Participam, assim, da eficácia da palavra filosófica, servem-lhe de embaixadores e funcionam como brasões, palavras de ordem ou senhas.

Antes de serem destacados, esses enunciados devem apresentar-se como *enunciados destacáveis*. Certamente, são produzidos com especial cuidado de escrita, que, procurando a boa palavra ou a palavra exata, provêm de uma visada retórica persuasiva. Mas exercem principalmente um papel na fabricação da própria doutrina, da qual são um dos elementos estruturais e estruturantes. Conciliam a singularidade de uma posição doutrinária associada a um nome próprio e a visada de universalidade à qual a condena sua pretensão à verdade. Associam a dimensão “dogmática” dos enunciados de um sistema e as visadas pragmáticas de preceitos destinados à busca de uma sabedoria. Eles formulam teses, condensam análises, põem em evidência posições filosóficas e os imperativos que delas decorrem. Assim, contribuem fortemente para a elaboração de uma doutrina que deve ao mesmo tempo se desdobrar em

---

<sup>3</sup> Dominique Maingueneau, em um quadro ampliado bastante além da filosofia, chama justamente a esse tipo de enunciados de “frases sem texto” (é o título do livro no qual ele aborda o tema). Propõe uma teoria geral do processo que chama de “aforização”: “O enunciado destacado não é um fragmento de texto, ele decorre de um regime de enunciação específico que chamaremos de aforização” (Maingueneau, 2012, p. 23). Alice Krieg-Planque, em um contexto mais centrado no discurso político, fala de “pequenas frases” para designar os enunciados de impacto que colorem a vida pública, que ela define como “um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento dado e em um espaço público dado, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem ao mesmo tempo para construir” (Krieg-Planque, 2009, p. 7).

toda a amplitude requerida (a extensão máxima de um sistema, a densidade de uma coleção de pensamentos), mas também se contrair, voltar-se sobre si mesma em resumos, retomadas, e, portanto, também em enunciados que recapitulam o todo ou o essencial com a maior economia de meios. Essas pequenas frases são enunciados doutrinários mínimos, filosofemas cardeais que servem de ponto de ancoragem de uma identidade filosófica e de ponto de apoio teórico. Elas condensam em um núcleo denso um conjunto conceitual ou demonstrativo, o que permite que o filósofo se autocite e, portanto, manipule seus próprios conjuntos teóricos em uma forma comodamente reduzida para comentá-los ou retrabalhá-los. Tendo enxameado para fora de seu sítio de inscrição original e dando lugar a reapropriações ulteriores, tais enunciados servem em seguida como suporte para outros desdobramentos de sentido, com vistas a uma reconstituição ou a uma reconstrução doutrinária pela glosa, pelo comentário ou pela interpretação, postos sob o signo da fidelidade ou da distância crítica. Exercem, pois, um papel na elaboração de esquemas especulativos próprios a uma filosofia, respondendo a uma série de exigências fundamentais ligadas à pretensão autoconstituente do discurso filosófico (Maingueneau & Cossutta, 1995).

## 2. *Enunciados destacados ou fórmulas filosóficas?*

Qual é a natureza e a forma desses *enunciados destacáveis* que se transformam, eventualmente, por extração e citação, em *enunciados destacados* que transitam através dos tempos e dos lugares e se transmitem em suportes múltiplos (escritos ou orais) e em contextos de reemprego diversos (práticos ou teóricos)? Sua feição oscila entre o estatuto minimalista de um enunciado assertivo com forma proposicional que visa ao universal (fórmulas “dogmáticas”,

enunciados de teses) e o de enunciado generalizante.<sup>4</sup> Os últimos se apoiam seja no esquema sintático ou prosódico dos provérbios (sentenças, adágios), seja em um modelo mais complexo, que desenvolve, frequentemente para além de uma única frase, um enunciado tipicamente formulaico, como o aforismo ou a máxima.<sup>5</sup> Os enunciados “téticos” calcam-se frequentemente na impressão lapidar de uma fórmula, e, inversamente, os aforismos ou máximas são portadores de uma tese, ou, ao menos, de uma posição de teor alético, mesmo quando os procedimentos de que se valem permitem que certos filósofos subvertam uma exposição apofântica e tirem da filosofia a pretensão à sistematicidade.<sup>6</sup>

Os autores têm insistido em um ou outro desses dois aspectos, falando ora de enunciados destacados ou de fórmulas para dar

---

<sup>4</sup> Abdelmagid Ali Bouacha (1993) se interessou pelos mecanismos de generalização no discurso colocando em paralelo o estatuto das frases genéricas, o dos provérbios e de algumas formas mais sutis de construções “dessingularizantes” que ultrapassam o quadro da frase. Não há nenhuma dúvida de que o estudo das fórmulas filosóficas teria sido para ele um bom exemplo de dessingularização com visada generalizante (ver Ali Bouacha, 1993).

<sup>5</sup> Charlotte Schapira distingue entre “formas livres”, ligadas a uma identidade autoral, aforismos, sentenças, máximas, pensamentos, e “formas frásticas fixas”, enunciados parêmicos que exprimem verdades gerais, como o provérbio, os ditados e os adágios (Schapira, 1997, p. 7, e 1999, pp. 50-51).

<sup>6</sup> Se, na *Lógica formal e transcendental*, Husserl não renuncia ao ideal de uma apofântica que permite, em compensação, definir a filosofia como ciência rigorosa, as escritas de Nietzsche, Kierkegaard, Bergson, Heidegger ou Derrida convidam a refletir sobre as condições de uma apofântica não formal ou não proposicional. O que evitaria que seus enunciados fossem interpretados, da maneira como o fazem o positivismo lógico ou certas correntes analíticas, como o simples efeito de erros lógicos (Carnap) ou de erros de atribuição categorial (Ryle). Não desprovidos de sentido, mas supondo uma assertividade flexível associada a uma enunciação paradoxal, eles têm alguma proximidade, eventualmente algum parentesco, com a dimensão formular que é o objeto dos estudos reunidos nesta coletânea.

conta de sua circulação, ora de enunciados formulaicos ou de escrita formulaica para dar conta de seu papel no interior de uma doutrina e de sua presença no interior de uma obra.<sup>7</sup>

Reservamos o termo geral *fórmulas filosóficas*<sup>8</sup> para evitar a classificação muito rápida de tais enunciados sob as denominações em uso evocadas acima, que partem sempre de um estatuto genérico que não se pode considerar como dado, mas que é preciso apreender em seu contexto filosófico e, eventualmente, como a aposta de uma classificação a construir com base em critérios discursivos.

Entretanto, também temos recorrido constantemente ao sintagma muito geral *enunciado destacável/destacado* que tem o mérito de não insistir sobre sua forma, mas sobre o procedimento de descontextualização, de transferência e de reinscrição. Essa designação oferece a vantagem de colocar em primeiro plano a aptidão e a competência dos leitores ou comentadores de recortar e de separar em um texto filosófico o que eles querem citar e reelaborar em suas interpretações,<sup>9</sup> pelo menos quando se consideram essas seleções

---

<sup>7</sup> Alain Lhomme, em particular, se pergunta se o uso de fórmulas é contingente ou se se inscreve mais profundamente em um tipo de escrita própria à filosofia, que ele chama de “escrita formulaica”.

<sup>8</sup> O termo *fórmula* oferece às análises um registro lexical muito flexível, como testemunho da diversidade dos empregos que dele fazem os autores deste livro: *fórmula*, *formulaico*, *formulação*, *informulável*, *fórmula filosófica*, *enunciado formulaico*, *escrita formulaica*; Khodayar Fotouhi ousa, por sua vez, empregar o termo “*formularização*”.

<sup>9</sup> Nos primeiros trabalhos do seminário do GraPhi sobre o tema nos propusemos como primeiro exercício examinar o que, em textos filosóficos variados escolhidos arbitrariamente, poderia prestar-se a um destacamento e a uma extração, sem prejudicar a natureza ou a forma dos fragmentos obtidos, sendo o único imperativo que eles constituíssem unidades de significação autônomas. Isso permitiu tomar consciência da complexidade das regras sintáticas e semânticas que tornam possíveis a saliência, a destacabilidade e o destacamento. Em um segundo momento, o estudo recaiu sobre a análise de traços

e reinscrições não como efeito de uma livre escolha guiada por critérios formais ligados aos imperativos da glosa, mas como um efeito das filtragens operadas pelas formações discursivas tais como as define Foucault em *A arqueologia do saber*.<sup>10</sup> Falar de “enunciado destacado” é também ampliar o domínio dos fenômenos que vão além da dimensão formulaica fortemente marcada retoricamente, pois essa etiqueta permite incluir outros tipos de generalização (é preciso dizer não formulaicos?), como simples proposições assertivas,<sup>11</sup> enunciados de teses ou mesmo fragmentos de texto

---

distintivos desses segmentos, para compreender o que havia neles de formulaico. Poder-se-ia, inversamente, imaginar a utilização de dicionários de citações filosóficas (existem *sites* que as propõem na internet para as pessoas interessadas ou para os alunos que preparam seu exame de Baccalauréat) e analisar o que preside seu modo de inscrição (por autor, por tema etc.) em tais coleções. Poder-se-ia também estudar a maneira pela qual os relacionamos a suas fontes nominais e doutrinárias, já que a decifração de sua significação filosófica faz parte das regras do gênero. No primeiro estudo, vamos da destacabilidade em potência ao destacamento efetivo; no segundo, recontextualizaríamos fórmulas agrupadas mais ou menos arbitrariamente ou flutuando em um isolamento relativo, restituindo o horizonte doutrinário que lhes dá sentido e do qual elas provêm. Uma terceira abordagem consistiria em elaborar gráficos formulaicos que tracem sua genealogia desde um texto-fonte mediante redes complexas de reformulação em contextos filosóficos cronologicamente disjuntos; por exemplo, analisando a série das ocorrências da fórmula “conhece-te a ti mesmo” desde a inscrição délfica até o projeto de título concebido por Feuerbach para o que será finalmente intitulado *A essência do cristianismo*.

<sup>10</sup> Não se cita não importa quem, não importa como, não importa quando. Os jogos sociais de posicionamento institucionais e intelectuais no mundo acadêmico pela escolha das citações, das referências bibliográficas, os mecanismos de interação nos grupos sociais que presidem ao uso de uma fórmula, de uma pequena frase ou de uma citação de autor obedecem a regras frequentemente não percebidas pelos autores.

<sup>11</sup> Algumas formas interrogativas também podem, embora muito raramente, tornar-se porta-vozes de uma postura filosófica, como é o caso do “Que sais-

dotados de uma autonomia semântica suficiente para que possam ser citados.<sup>12</sup>

### 3. *Interesse epistemológico e filosófico de um estudo discursivo dos enunciados formulaicos*

Prestar atenção a enunciados destacados de tipo formulaico conduz a certa modificação do olhar voltado habitualmente para a filosofia, convidando a considerá-la como uma atividade, e não mais apenas como um conjunto de textos, atividade que se caracteriza como discurso ou prática discursiva.<sup>13</sup> É o que nos incita a não permanecermos prisioneiros de uma visão “filosófico-filosófica” da filosofia e a não mais nos atermos ao privilégio atribuído comumente às grandes obras que lhe dão, certamente, toda a sua dignidade e todo o interesse humano, mas que seriam letra morta se não fossem sustentadas e reativadas permanentemente por tex-

---

-je?” [“O que sei eu?”] de Montaigne, como o seria “Para que serve?”, se as tornamos a bandeira do desencantamento. Observamos também que certas fórmulas filosóficas podem ter um formato infrafrástico, como o “não mais” cético que abrevia uma fórmula mais complexa, a fim de manejá-la mais comodamente, como o atesta a nominalização possível dessa expressão. Evidentemente, não é por acaso que as formulações interrogativas ou alternativas estão ligadas a filosofias da dúvida ou da suspensão do julgamento.

<sup>12</sup> O que não quer dizer que as fórmulas e a citação se recubram exatamente: qualquer citação supõe uma operação de extração e de destacamento, mas nem toda fórmula é uma citação, mesmo se ela é sempre “citável”, porque se pode inventar uma fórmula a propósito de uma filosofia sem que esta figure nela explicitamente. Por outro lado, o quadro da citação é mais amplo, pois ele não concerne apenas a enunciados notáveis nem se limita ao formato dos enunciados mínimos (ver Compagnon, 1979).

<sup>13</sup> Para uma explicitação dos problemas que um estudo discursivo da filosofia suscita, ver Cossutta, 1995, e Bordron, 2011.

tos transmissores inscritos nos usos ligados às instituições que assumem práticas historicamente definidas (Ribard, 2012).

Os autores, privilegiando a análise do discurso, a linguística da enunciação, a semiótica, a estilística ou um ponto de vista filosófico sensível à questão das formas, esforçam-se para deixar claros determinados mecanismos discursivos ligados à formação e ao devir desses enunciados notáveis. Não se trata apenas de descrever as formas, mas de compreender qual é o papel que exercem essas operações na formação das obras filosóficas e quais as funções que lhes são reservadas nos usos que delas se fazem nas práticas discursivas que se referem a esses textos e os produzem de novo. O procedimento não se pretende nem formalista nem redutor. O reconhecimento de formas só tem sentido se for relacionado aos efeitos especulativos aos quais ele confere, por efeito de consistência ou de transparência, seu verdadeiro alcance. Da mesma forma, pensar a filosofia em termos de discurso, fazendo assim referência às atividades languageiras que inscrevem a textualidade em um contexto social e institucional, não significa dizer que a filosofia encontra aí sua explicação última, mas que ela negocia permanentemente a possibilidade de sua enunciação, relançando-a na cena que instala (Maingueneau, 1995).

Esses problemas são abordados pelos autores deste volume em um quadro interdisciplinar que permite cruzar uma reflexão metodológica e análises de *corpus* provindo não somente da tradição “nobre” legada pelo arquivo das grandes doutrinas, mas igualmente de gêneros que pertencem às práticas cotidianas ligadas ao exercício da filosofia, como manuais e dicionários.

Encontra-se, assim, um conjunto de questões interessantes para a análise do discurso em geral, a linguística textual ou a sociologia, já que os usos de fórmulas, os enunciados destacados, não ocorrem somente na filosofia. O problema das fórmulas cruza um certo número de domínios já bem estudados pela pesquisa contem-